

**X Encontro de Pós-graduação  
em História Econômica**

**Virtual**

**8ª Conferência Internacional  
de História Econômica**

**9, 10, 11 e 12 de novembro**

**2020**

**Casa-grande & senzala e a construção das  
relações raciais: uma reinterpretação teórico-  
cultural marxista**

**Nathan Barbosa dos Santos**

**Marcela Darido**

**Sillas de Castro Ferreira Coelho**

**X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência  
Internacional de História Econômica**

**Casa-grande & senzala e a construção das relações raciais: uma  
reinterpretação teórico-cultural marxista**

Nathan Barbosa dos Santos<sup>1</sup>

Marcela Darido<sup>2</sup>

Sillas de Castro Ferreira Coelho<sup>3</sup>

**Resumo**

Casa-grande & senzala, de Gilberto Freyre, propõe um novo olhar sobre o Brasil em 1933. Suas conclusões e observações refundaram o paradigma de tratamento racial na academia, transbordando para as relações sociais e culturais no país. O presente artigo busca evidenciar tal interpretação com o intuito de recolocar essa discussão no cerne do processo de formação econômica e social do Brasil. Para tanto, uma discussão metodológica e epistemológica toma lugar e, partindo do método materialista histórico-dialético e das ferramentas propostas pelo arcabouço teórico-cultural marxista, revisita-se esse clássico da sociologia brasileira numa perspectiva crítica. Decorre da interpretação proposta que parte da dominação ideológica que fundamenta o capitalismo é elemento presente na obra do autor e contribuiu para reproduzir tais estruturas de opressão não só na literatura acadêmica, mas também no senso comum.

**Palavras-chave:** Gilberto Freyre; Casa-grande & senzala; ideologia; metodologia; racismo.

**Abstract**

Casa-grande & senzala, by Gilberto Freyre, proposes a new look at Brazil in 1933. His conclusions and observations refounded the paradigm of racial treatment in academia, spilling over into social and cultural relations in the country. This article seeks to highlight this interpretation in order to put this discussion at the heart of the process of economic and social formation in Brazil. For this, a methodological and epistemological discussion takes place and, starting from the historical-dialectical materialist method and the tools

---

<sup>1</sup> Graduado em Ciências Econômicas pelo Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Mestre em Ciências Econômicas pela Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, doutorando em Economia do Desenvolvimento pelo Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas.

<sup>2</sup> Graduada em Educação Física pela Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, Mestranda em Desenvolvimento Econômico pelo Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas.

<sup>3</sup> Graduado em Administração pela Faculdade de Administração da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Mestrando em Desenvolvimento Econômico pelo Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas.

## **X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica**

proposed by the Marxist theoretical-cultural framework, this classic of Brazilian sociology is revisited in a critical perspective. It follows from the proposed interpretation that part of the ideological domination that underlies capitalism is an element present in the author's work and contributed to reproduce such structures of oppression not only in academic literature, but also in common sense.

**Key-words:** Gilberto Freyre; Casa-grande & senzala; ideology; methodology; racism.

### **Introdução**

A construção das relações de raça no Brasil corresponde a um processo multiplamente determinado, oriundo da colonização e decorrente do contato europeu com os povos originários do Brasil e sucessiva implantação do povo negro pelo tráfico de africanos escravizados. Tratar da construção de tais relações no capitalismo implica a condição totalizante do racismo como estrutura fundante do capitalismo. Tal perspectiva toma como ponto de partida uma abordagem materialista histórico-dialética, que considera a construção do sistema de classes como processo gendrado e racializado. Dessa forma, mesmo que esses caracteres tenham origens anteriores ao capitalismo, a construção das relações sociais de produção ensejou, também, relações raciais e de gênero especificamente capitalistas. Contextualizar o desenvolvimento histórico do capitalismo impera, portanto, localizar historicamente, para além da divisão de classes, a incorporação da dominação patriarcal, étnica e racial proposta indissociavelmente como marco civilizatório burguês no capitalismo. Em outras palavras, a modernidade é fundada sobre uma noção de humanidade ideal. A humanidade teria, assim, sua expressão mais acabada no homem iluminista: burguês, homem e branco (europeu). Desse marco civilizatório decorre a hierarquização da humanidade em gênero e raça, implicando na divisão de classes, e esse processo contrastou diversas civilizações sob a premissa de que a civilização europeia capitalista era o objetivo a ser alcançado.

Desse modo, o colonialismo e a expansão europeia ultramarina foram fundamentais para acumulação primitiva, pois os ganhos obtidos com o tráfico de escravizados representou a maior parte da acumulação de capital ao desenvolvimento industrial europeu – principalmente, o inglês. Note-se que o Brasil – colônia que recebeu maior ingresso de negros escravizados – possui especificidades históricas em suas relações raciais que foram vastamente investigadas como objeto de estudo nas Humanidades. Desde o início do século XX e o afastamento das noções eugenistas do racismo científico, diversos intérpretes da formação do Brasil se debruçaram sobre os

## **X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica**

determinantes raciais do país. Como expoente de destaque, a interpretação de Gilberto Freyre ganhou grande prestígio e disseminação na sociologia do mundo, sendo por décadas a interpretação vigente acerca da conformação das relações de raça no Brasil. Sua obra, além de traduzida para dezenas de idiomas, premiada e difundida na academia, possibilitou contrastar os regimes de segregação vigentes nos Estados Unidos e África do Sul, fazendo surgir uma leitura de amenidade ao tratamento racial no Brasil que vigorou na academia e senso comum por décadas a fio.

O presente trabalho revisita a obra mais relevante de Gilberto Freyre para compreender, a partir de uma crítica metodológica e historiográfica, o impacto de suas interpretações na academia e no imaginário brasileiro. *Casa-grande & senzala* foi um marco para o estudo da Sociologia no Brasil e sua interpretação reverberou na cultura do país de forma sem igual. Publicada em 1933, a contestação de suas noções só se deu a partir do fim da década de 1950. Ainda que essa discussão não esteja presente neste artigo, vale salientar que embora a conflagração da obra em questão tenha sido contestada na academia, existem, ainda hoje, reflexos de suas conclusões na sociedade brasileira e mesmo no campo das Ciências Humanas.

Deste modo, temos o objetivo de retomar a construção metodológica e ideológica trazida por Freyre em *Casa-grande & senzala* com a contribuição de trazer a baila a conformação das relações de raça no Brasil, tanto no discurso acadêmico como na sua fixação cultural. Para tanto, o artigo recobra a formação acadêmica do autor, bem como suas influências, retoma aspectos imagéticos de sua obra e contextualiza a discussão no processo histórico que a insere. Para além desta introdução, a primeira seção aborda a vida e obra de Gilberto Freyre, com maior ênfase em *Casa-grande & senzala*. A segunda seção propõe enquadrar a crítica ao trabalho sociológico do autor a partir da teoria cultural marxista. Por fim, as considerações finais trazem as conclusões obtidas neste esforço historiográfico, além de realizar apontamentos para pesquisa futura.

### **Gilberto Freyre e Casa-grande & senzala**

#### **A construção da sociologia freyreana**

Gilberto Freyre nasceu no Recife, em 1900. Bacharel em Ciências Políticas pela Universidade de Baylor, em 1920, concluiu, dois anos depois, seu mestrado em Ciências Políticas, Jurídicas e Sociais em Colúmbia, onde, posteriormente doutorou-se em Letras (Abreu, 2010). Nesses espaços, Freyre esteve em contato com a História e Antropologia de Colúmbia, além da Sociologia e Antropologia de Chicago. As Ciências Sociais norte-

## X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

americanas, demarcada pela coexistência da tradição protestante com o darwinismo, contribuiu para uma postura de reforma social ao sociólogo. Nesse período, foi vigente o que veio a ser conhecido como Escola de Personalidade e Cultura, que tinha como temática a sociedade e o indivíduo, pelo prisma da interação social, mas também, pela cultura e personalidade. Freyre se aproveitou de tais subsídios ao elaborar uma contribuição decisiva a esse campo de debate (Velho, 2008).

A tese de mestrado de Freyre, *Social life in Brazil in the Middle of the Nineteenth Century*<sup>4</sup>, lança origens à *Casa-grande & senzala*, versando sobre o escravizado na sociedade brasileira. Santos (2019) demarca as influências manifestadas pelo autor em seu primeiro trabalho, nele, Freyre demonstra uma preocupação que permeou toda a obra *Casa-grande & senzala*: a vida privada de uma sociedade. Na epígrafe, Freyre apresenta uma frase que diz ser a história íntima o romance que a posteridade talvez chame por história humana. O sociólogo aponta o fato de ter sido nas conversas com sua avó sobre os “bons e velhos tempos” (Freyre, 1922, p. 597), o início de sua preparação. Salientando o fato de sua avó ter sido a única pessoa a admitir que aqueles tempos teriam sido bons (Freyre, 1922). Por fim, Freyre demonstra preferência por autores estrangeiros que estudaram o Brasil, por considerá-los fontes mais fidedignas, já que o maior traço dos autores brasileiros seria a parcialidade. Estes teriam realizado apenas análises de glória ou difamação, criando a necessidade de lutar contra considerações de mentes acríticas, superficiais e preconceituosas (Freyre, 1922). É manifesto que tanto as preocupações, quanto a noção de ciência da qual Freyre se utiliza, são contraditórias com suas interpretações: o autor incorre em parcialidades e juízos de valor parecidos com os quais criticava, o uso da avaliação de sua avó sobre tempos coloniais como fonte cientificamente confiável e influência estrangeira excessiva guiam sua pesquisa. Essa crítica será esmiuçada adiante neste trabalho.

Arruda (2010) aponta 1930 como uma década repleta de mudanças que suscitaram novos jeitos de pensar um Brasil que transformava sua vida econômica, política, cultural e social em busca da *modernidade*. Nesse contexto, autores como Caio Prado Jr., Sérgio Buarque de Holanda – em conjunto com Gilberto Freyre – publicaram obras que mais tarde os consagraram como “Intérpretes do Brasil” (cf. Farias, 2019). Os ensaístas de 1930 fundaram a reflexão moderna das Ciências Sociais no Brasil, legitimando a forma de narrativa criticada aqui (Arruda, 2010). São pintores de um quadro que nega as visões

---

<sup>4</sup> Gilberto Freyre, 1922. *The Hispanic American Historical Review*, Vol. 5, No. 4. pp. 597-630.

## X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

de uma história incompleta para o país, mas ilustram uma imagem distorcida das relações de raça no Brasil-colônia e, posteriormente, do sistema de classes. Deve-se ressaltar que apesar de partirem de métodos muito distintos, os autores incorreram em uma supremacia civilizatória branca e europeia de traços muito semelhantes<sup>5</sup>.

Para tanto, Freyre fez uso, em *Casa-grande & senzala*, de um ensaísmo crítico que negava o formalismo como expressão única na intelectualidade. Esse ideário de “construção da modernidade” implica na defesa de um padrão civilizatório determinado histórica e geograficamente. Para o caso de Freyre, suas proposições apontam para uma superação do racismo científico e mesmo uma visão harmoniosa e completa do Brasil, no entanto, sua noção reacionária propunha harmonia na retomada de práticas coloniais de relação social.

Bastos (2014) afirma que Freyre se coloca como figura fundamental para o questionamento das ideias fundadas na sociobiologia e no determinismo geográfico, sendo *Casa-grande & senzala* a contraposição da anticientificidade da inferioridade racial e impossibilidade de civilizações modernas nos trópicos. No entanto, Roberto Schwarcz<sup>6</sup> afirma que ao descrever uma matriz sociológica do Brasil, Gilberto Freyre guarda um saudosismo ao passado colonial e a crença de que o curso da história significaria o desaparecimento gradual de uma forma de sociedade admirável.

Outra expressão relevante da sociologia freyreana está na tese do *lusotropicalismo*, na qual propunha uma nova ciência: a *tropiologia*. Castelo (2011) afirma que as bases desta teoria estão presentes em *Casa-grande & senzala*. Consta a argumentação de que o mote do racismo é fundamentado na noção de que a mistura de raças é a causa de degeneração dos povos. Resta o contraponto freyreano, portanto, de que a mestiçagem se materializa em um processo positivo de constituição de um homem ideal moderno dos trópicos. Mais uma nota de relevo acerca da construção metodológica

---

<sup>5</sup> É válido pontuar que muitos outros dos consagrados intérpretes do Brasil não escapam da noção de modernidade aqui disposta. Caio Prado Jr., por exemplo, recorrentemente apresenta uma dualidade disposta entre civilizado-selvagem para tratar dos colonizadores e dominados – indígenas, mas principalmente negros africanos escravizados – quando da formação econômica do Brasil. Celso Furtado, ao tratar da extinção do trabalho escravo, vê – nos ex-escravizados – um *desenvolvimento mental rudimentar*, que não se verifica na realidade. O caso do Gilberto Freyre se projeta, nesse sentido, ao afirmar a necessidade da presença europeia – através do português – colonizadora para alcançar uma civilização moderna nos trópicos.

<sup>6</sup> Sobre a “Formação da Literatura Brasileira” (notas do debatedor), disponível no repositório digital da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://dtlhc.fflch.usp.br/sites/dtlhc.fflch.usp.br/files/Schwarz%20-%20Sobre%20a%20Forma%C3%A7%C3%A3o%20da%20Literatura%20Brasileira.pdf>>. Acesso em junho 2018.

## X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

da abordagem de Freyre está na predileção do sociólogo pela psicanálise freudiana, defendendo sua importância na busca de um sentido de nação para o Brasil, afirmando, ainda, ser um dos veteranos de sua utilização ao constatar ter usado a psicanálise para reinterpretar a formação social brasileira em *Casa-grande & senzala* (Abreu, 2010).

Freyre se insere no debate racial ativamente, a partir da década de 1950, participando do projeto UNESCO de relações de raça no Brasil (cf. Motta, 2000) e de um relatório da ONU para soluções ao *apartheid* (cf. Dávila, 2010). Sobre o relatório à ONU, Dávila (2010) demarca o anacronismo crescente nas ideias de Freyre, que opunha mudanças geopolíticas à crença nas virtudes portuguesas advindas da miscigenação e, mesmo, a defesa descabida do neocolonialismo português na África.

Santos (2019) defende que tais recuperações biográficas atestam o impacto de Gilberto Freyre enquanto acadêmico célebre, mas passível de críticas. Trata-se de uma construção de método e pensamento com uma miríade de influências e referências teóricas que refletem no estabelecimento da Sociologia no Brasil. Velho (2008) interpreta *Casa-grande & senzala* como o marco principal de uma contribuição de interesses e trajetória diversos, sob uma perspectiva singular. O autor reconhece, também, um “ecletismo criativo” que está disposto em uma posição dinâmica de um processo de incorporação de novos elementos, podendo ser lido como sinal de contradição e incoerência, a depender do “interesse e ponto de vista” (Velho, 2008, p.15).

Este trabalho rechaça a ideia de que uma interpretação assertiva dependa apenas de “interesse e ponto de vista”. Aqui se busca desvelar uma interpretação da formação social do Brasil que jaz imprecisa, mantém incoerências e contradições escoradas numa plasticidade e capacidade de criar uma narrativa. Portanto, argumenta-se contra a manutenção de uma obra fechada em si mesma, que apesar de se propor crítica, não resistiu ao crivo do tempo e da concretude das relações sociais, recusando também a se reinventar.

Lima (2010) condensa nossa perspectiva sobre a contribuição de Freyre, utilizando o binômio: *pensamento-ação*; noção que qualificou o sociólogo como “reeducador” do Brasil, fazendo que sua obra e discursos tomassem forma de cartilhas, manifestos e livros didáticos, materializando na sociedade sua metodologia. Ainda segundo Lima, o país descrito por Freyre seria mais tolerante que na realidade, classificando suas contribuições como a imaginação do real e afirmando que Freyre, ao estudar a formação brasileira, “ajudou a formar outro Brasil” (Lima, 2010, p. 12). Simões (2017), por sua vez, indica que as interpretações de Freyre condensam significações

## **X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica**

normativas socialmente relevantes, representando a sustentação de um *projeto intelectual*. Isto é, um conjunto sistemático de ideias que vão no sentido de exercer poder ideológico, possibilitando uma missão social e função crítica.

Resta, em sequência, retomar a compreensão da “reeducação” como imaginada por Freyre em sua principal obra. Reconhecer o país que ele ajudou a gestar pelo desdobramento do seu *pensamento-ação* e desvelar seu *projeto intelectual* para entender como suas reflexões mantêm relação com a realidade. Estas demarcações biográficas contribuem no sentido de desvelar as origens dos contrassensos e contradições que são argumentadas aqui quanto ao pensamento de Gilberto Freyre. A reboque, surge uma crítica a narrativa das Ciências Sociais fundadas no período. Não obstante, a seguir se apresentam outros fatores que encerram esse levantamento.

### **Casa-grande & senzala: a superação reacionária do racismo**

Para introduzir a presente revisão, destaca-se aspectos apresentados na tese de mestrado de Freyre, que seguem por Casa-grande & senzala, permitindo demarcar a evolução do pensamento do autor, que traz uma interpretação singular de ordem e manutenção de um status quo. Bastos (2012) aponta um lugar comum entre Freyre de 1920 e de 1930: o transplante mal feito de ideias, legislação e costumes. O sociólogo utiliza da pessoalidade e de um olhar sobre a vida íntima da sociedade colonial escravista brasileira, imprimindo uma noção de atraso civilizacional no Brasil Império. Ficam evidentes a popularização da *cultura* como conceito sociológico e a miscigenação como resposta a modernização civilizatória nos trópicos. O ensejo é discutido a seguir, sendo *Casa-grande & senzala* a materialização de seu *pensamento-ação*.

A obra selecionada, para além de interpretar a formação do Brasil, é uma obra de construção das relações raciais no país. Para contextualizar seu conteúdo racial, Araújo (2005) apresenta duas correntes principais que antecederam a interpretação de Freyre. A primeira delas, contava com uma tese de que o país seria inviável como civilização moderna, dado que a miscigenação entre “espécies” de diferentes qualidades levaria à esterilidade, senão biológica, cultural. Sua maior expressão era Arthur Gobineau. A outra, parte da miscigenação como defesa de um processo de branqueamento, extinção da questão racial e da herança negra. Ambas as noções baseavam-se na supremacia branca. Araújo (2005) destaca que no prefácio da primeira edição de *Casa-grande & senzala* Freyre apresenta aderência a primeira corrente, se referindo a um grupo de marinheiros

## X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

brasileiros miscigenados como caricaturas de homens<sup>7</sup>. Como uma espécie de mea-culpa realizada em nome de Freyre, Araújo denota que o prefácio que ele mesmo cita teria pouca importância e o restante da obra serviria para refutar tal noção.

De acordo com Maio (1999), Gilberto Freyre se coloca como um crítico do racismo biológico. Surge, para Freyre, uma espécie de cooperação étnico-racial que permitia ao Brasil uma salvação pela miscigenação, marca do legado português. A questão que se apresenta, na linha da segunda corrente, é a de que a solução de Freyre pode ser interpretada como uma *salvação pelo branqueamento*. Freyre apaga a concretude das tensões raciais e, mesmo, a violência pelo processo civilizatório da colonização, colocando o colonizador português como algo necessário à civilização moderna nos trópicos.

Santos (2019) levanta que a noção de miscigenação freyreana ignora o processo violento da colonização e do escravismo, fundamentando sua crítica ao defender que a adoção de valores e costumes das *três raças* é parte de um processo de aculturação e subordinação. Para o autor, Freyre implica que os portugueses emprestam o melhor à construção da psique do brasileiro, sendo responsáveis pelo legado de composição da identidade nacional. Enquanto os indígenas e escravizados africanos figuram passivamente, sendo incorporados a partir do crivo *permissivo, caloroso e excepcional* do colonizador. O autor destaca que o sociólogo traz relatos gráficos e brutais das relações entre o colonizador e os dominados. Por mais vis que possam ser, chama atenção que Freyre não chegou a conclusões exatamente opostas: para o sociólogo, tais relatos não contradizem sua ideia de que há um abrandamento das tensões raciais.

Freyre (2003) deixa evidente seu afastamento dos eugenistas, apontando a base de sua obra nos estudos realizados com Franz Boas. Ele passa a dissociar raça, ambiente e cultura, discutindo, no prefácio, as características de tais elementos que justificariam a hierarquização social mantida pelos adeptos do racialismo (Santos, 2019). Guimarães (1999) afirma que esta obra é responsável pela introdução do conceito de cultura nos círculos eruditos brasileiros, o que produziu, enfim, um véu de ignorância quanto aos marcadores raciais da sociedade. Gahvya (2011) aponta para o fato da obra ter contribuído à conformação ideológica de um Brasil cujo a mistura de raças passa a equivaler a algo ímpar e positivo na identidade nacional, construída e difundida pela Era Vargas. Através

---

<sup>7</sup> Aqui Freyre demonstra a visão da humanidade pertencente ao homem branco burguês, nesse sentido dispostos de humanidade, os mestiços poderiam no máximo se configurar como caricaturas de humanos.

## X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

de uma minuciosa incursão da recepção da obra de Freyre aos literatos, Santos (2019) evidencia uma consonância que reflete os modernistas de 1922 e a uma forte imagética do Brasil, que emana de sua obra impregnando na literatura brasileira da época.

Para iniciar a obra, Freyre (2003) traz no primeiro capítulo aspectos da base material da sociedade, discutindo o modo de produção do Brasil-colônia. Este capítulo conta com o fundamento da tropicologia e, nesta noção, caracteriza o país como uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida<sup>8</sup>. Santos (2019) entende que essa é a introdução de Freyre às características basilares de sua interpretação: o modo de produção colonial, o uso do trabalho escravo e o *hibridismo*. Para Freyre, este sistema teria se consolidado, não por uma consciência de raça – essa “quase inexistente no português cosmopolita e plástico” (Freyre, 2003, p. 65) –, mas por um sistema de profilaxia social e política através de exclusivismo religioso. Assim, as famílias proprietárias, sob direção dos senhores de engenho, com seus capelães, munidos de *índios* e negros às suas ordens, donos de escravizados e terra, se opunham aos representantes do Rei contra os abusos da metrópole e da Igreja.

Ainda no primeiro capítulo, estão presentes os fundamentos da solução à miscigenação perversa reinante à época. Freyre substitui a argumentação de determinismo biológico com explicações diversas – nutrição deficitária, hábitos higiênicos ruins e alcoolismo endêmico – à suposta insuficiência civilizatória nos trópicos. Para o autor, a chave de compreensão de problemas considerados degenerescência do povo miscigenado estaria na monocultura e, portanto, poderiam ser solucionados através da policultura.

Um aspecto recorrente de sua obra é a dualidade, que peca em não se findar numa incursão dialética. Para Freyre (2003), o binômio mais geral e mais profundo pode ser expresso como senhor-escravo. O que aparece vulgarmente como antagonismos, se manifesta como sendo amortecidos pelo colonizador, que gera até mesmo condições de confraternização e mobilidade social, num país onde os miscigenados poderiam alçar lugares sociais de maior prestígio. É, para Freyre, uma reciprocidade cultural e econômica. Ora, o binômio senhor-escravo exprime uma relação dialética inegável, pela qual o senhor não é senhor sem o escravizado, nem o escravizado toma esse lugar sem a dominação do senhor. É, portanto, uma relação de dominação, que se materializa nas

---

<sup>8</sup> O adjetivo híbrido designa algo que é fruto de um cruzamento genético entre duas espécies distintas vegetais ou animais, que geralmente acaba sendo infértil. Freyre faz uso desse termo para caracterizar a estrutura, a exploração econômica e a composição étnica da sociedade brasileira.

## X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

relações sociais de produção, mas tem sua base na noção de hierarquização étnico-racial que só foi possível a partir da noção do homem branco como padrão mais acabado de ser humano. Para Santos (2019, p. 50) “sem justificar o retrato que caracteriza a amenização dos conflitos existentes, Freyre desenha um Brasil que, se houve, já não há mais”. Segundo o autor, o generalismo utilizado pelo sociólogo através das características demarcadas no primeiro capítulo encerra sua precisão na tríade composta por modo de produção, regime de trabalho e composição étnica, escapando-lhe o conflito que jaz nos antagonismos apresentados.

O capítulo segundo discute a contribuição do indígena na formação da família brasileira, sendo permeado de uma noção etapista e eurocêntrica de civilização. Os povos originários das terras brasileiras seriam a *raça atrasada*. Na hierarquia de Freyre, os colonizadores estariam dotados de uma cultura exuberante de maturidade; os maias, astecas e incas, uma cultura adolescente, e; os nativos do Brasil “quase que um bando de crianças grandes; uma cultura verde e incipiente; ainda na primeira dentição; sem os ossos, nem o desenvolvimento, nem a resistência das grandes semicivilizações americanas” (Freyre, 2003. p. 158). Freyre reforça o mito de que os nativos seriam inaptos à vida sedentária e ao trabalho escravo, tendo explicação na ruptura com a vida nômade, a alimentação e uma cultura inferior à africana. Ainda neste capítulo, surge com maior projeção a amenização de tensões raciais, ao cruzar o hibridismo com a noção de harmoniosidade, produz-se a ideia de reciprocidade cultural. Um aproveitamento máximo de valores e experiências dos povos “atrasados” pelo “adiantado”.

O terceiro capítulo retoma o quadro do colonizador, sob o pretexto de aumentar a minúcia sobre a figura do português. Freyre (2003) exprime, pela primeira vez, o escravocrata terrível. Mas, novamente, que lidou melhor com as “raças inferiores”, sendo o menos cruel no trato com os escravos. Outra noção que surge – decorrente da ideia de *plasticidade social* do colonizador português –, totalmente problemática, é a impossibilidade da construção da aristocracia europeia no Brasil. Ao argumentar que a escassez de capital seria o impedimento para o surgimento de tal aristocracia, Freyre confunde a noção de capital com homens e mulheres, mas principalmente, com a falta de mulheres brancas. É fato que as discussões de gênero não estavam desenvolvidas à época do autor, entretanto, tanto as discussões de Economia Política Clássica e, mesmo, a crítica à Economia Política de Marx não eram inacessíveis. Para além, Engels havia discorrido sobre a divisão sexual do trabalho com destacada aptidão. Ainda, ao igualar as relações do colonizador com as mulheres indígenas – portanto, relações imediatas de dominação

## X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

– às relações com mulheres brancas, o sociólogo incorre numa falsa assimetria, colocando em pé de igualdade uma subjugação via estupros e sequestros às relações patrilineares entre famílias europeias.

O quarto capítulo se divide em duas partes, sendo a conclusão da obra de Freyre. *O escravo na vida sexual e de família do brasileiro* é a escolha do sociólogo para enquadrar a contribuição do escravizado negro na formação da sociedade brasileira. Freyre (2003) adianta que não há interesse direto da importância do negro quanto ao progresso econômico ou a vida estética do Brasil. Ao abrir o capítulo, Freyre (2003) não percebe tratar de um processo de aculturação, de destruição cultural, trabalho forçado, relegação do trabalho reprodutivo às escravizadas e de estupros sistemáticos. Na verdade, as relações sociais de produção que têm por base a dominação racial de uma população através do tráfico negro e subsequente escravidão são o objeto de sua análise. Apesar de Freyre manter esforço para negar o determinismo racialista – que ele demonstra aderir no prefácio da obra – suas opções metodológicas afastam a possibilidade de interpretar a concretude de tais relações deste processo civilizatório. Neste sentido, Freyre critica o materialismo histórico por achar se tratar de generalizações excessivas, ao passo que tenta reconhecer a importância da influência das relações de produção sobre a estrutura social. Passa, portanto, a investigar tal processo histórico sob a noção de que o meio e a cultura importariam mais que a raça por si, embora a raça empregar sentido a dominação colonial e gestação do capitalismo como modo de produção.

O sociólogo traz, ainda no capítulo destacado, interpretações e relatos, sobrepondo a vida dos escravizados e dos senhores. Freyre escreve sobre o casamento, sobre as relações com as mulheres negras e a criação e amamentação dada pelas amas de leite negra. Apresentando, assim, a dualidade proposta pelo autor contrapondo a mulher branca como constituinte do seio familiar e sua precoce inclusão a vida adulta, com a mulher negra e sua hiperssexualização como acessório desta mesma vida familiar (Santos, 2019). Freyre especula sobre a preferência do português à mulher negra, evidenciando essa noção com casos pontuais. Também, como contraponto a Nina Rodrigues e José Veríssimo, Freyre passa a incutir papel ativo ao colonizador na corrupção da vida de família, enquanto os *moleques* e *mulatas* teriam um papel passivo.

O quinto capítulo encerra sua obra, sem distanciar-se das avaliações aqui expostas. Freyre (2003) rechaça a existência de segregação levantando questões como: “quando é que as leis de proibição portuguesas e brasileiras foram escritas para serem cumpridas à risca?” (Freyre, 2003, p. 502), e; que a regra, no Brasil “foi sempre no sentido de favorecer

## **X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica**

o mais possível a ascensão social do negro” (Freyre, 2003, p. 503). Santos (2019) aponta o fato de que a educação, os casamentos interraciais, o sacerdócio, a degradação das mulheres negras, a vida religiosa, a legitimidade e perpetuidade de patrimônio e as relações sexuais, excessivamente presentes e naturalizadas como não violentas, figuram constantemente e como exemplos de uma conjunção harmoniosa entre o senhor e o escravizado. Deste modo, ao mesmo tempo que afastava a noção de miscigenação como problema, Freyre distanciava sua interpretação da concretude da organização colonial e escravagista como sociedade de dominação e exploração construída sobre critérios raciais.

A interpretação de Santos (2019) é trazida para o presente trabalho, no sentido de compreender que o sociólogo possuía as ferramentas necessárias ao rompimento com as noções racistas, para além do que foi feito. Observa-se, no entanto, que Freyre manteve uma hierarquização entre as contribuições do colonizador frente aos povos originários e transplantados da África como mão de obra escravizada. Apesar de presentes, a contribuição das raças *abjetas* à construção econômica e do quadro das relações de produção no Brasil são invariavelmente ofuscadas pela ótica cultural de maior bojo à interpretação do sociólogo. Santos orienta, portanto, que se deve notar o espaço que há para apontamentos em outras direções, qualificando o objeto de Freyre a partir de outros métodos e de uma perspectiva menos arraigada na casa-grande. Desta forma, uma adesão ao materialismo histórico-dialético poderia incutir à obra de Freyre a noção de que o modo de produção reflete nas ideias dominantes, gestando uma perspectiva que ao invés de enxergar a casa-grande como vetor da formação nacional, veria no movimento dialético entre dominadores e dominados a chave desse processo histórico. Essa é a direção da reflexão a seguir.

### **Casa-grande & senzala e a teoria cultural marxista**

A diante, busca-se recolocar os elementos trazidos por Freyre com o objetivo de encerrar a crítica à sua interpretação. Tal reflexão decorre que o próprio objeto de Freyre impera uma abordagem que seja capaz de analisar aspectos culturais, políticos, sociais em reflexo com a reprodução material da sociedade. A primeira seção deu conta de apresentar tais aspectos – tanto de sua formação intelectual, quanto sua interpretação – que serão retomados brevemente para enquadrar nessa abordagem disposta entre os elementos da base material da sociedade e da superestrutura.

## X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

Desde sua tese de mestrado, Freyre volta suas atenções ao Brasil Império e, também, ao colonial. Deste modo, o objeto econômico de suas reflexões se expressa pelo modelo de produção agrário, latifundiário e de monocultura, com mão de obra escravizada e sob dois regimes políticos distintos, a colônia e o Império. Esse contexto se insere no resto do mundo sob dois panos de fundo, entrelaçados entre si: o desenvolvimento do capitalismo global e a expansão colonial. Assim, dois marcos históricos se tornam relevantes para discutir a base material da sociedade nesse contexto, sendo eles a acumulação primitiva de capital e o processo de colonização das américas. Williams (2012) apresenta a conjunção desses marcos descrevendo a relevância da colonização ao surgimento de novos mercados para as mercadorias europeias e para a acumulação de capital na Inglaterra. Os elementos dessa dinâmica estavam dispostos entre a Inglaterra, bem com a França e a América colonial como fornecedoras de transporte e produtos de exportação, a África com a *mercadoria humana* e as fazendas com a matéria-prima. Nesse processo, Williams (2012) identifica a acumulação de capital que financiou a Revolução Industrial, colocando a industrialização como não antagônica ao colonialismo escravista, mas sim como as atividades que serviram de fonte à acumulação de capital ao financiamento do capitalismo industrial.

O Brasil pré-capitalista não pode ser compreendido apenas como acessório ao desenvolvimento do capitalismo industrial mundial, nem mesmo a colonização como processo histórico independente desse cenário. O contraponto apresentado à interpretação de Freyre é a inclusão do contexto mundial no processo de colonização brasileiro, além da consideração da colonização como expressão de um marco civilizatório que tem por bases a expansão da ideologia burguesa e da dominação etnocêntrica de cunho branco-europeu. Em sua obra inaugural, Freyre (1922) apresenta uma versão do Brasil Império inegavelmente eurocêntrica (Santos, 2019). Segundo o autor, essa característica é recorrente também em *Casa-grande & senzala*. Seu eurocentrismo fica disposto pelas afirmações de que a marca do período seria a importância da religião em todas as fases da vida social, um desprezo pelas regras de higiene pelo Império, corrupção clerical, uma literatura sem substância, ausência quase completa de pensamento crítico e “apego à tradições das quais o brasileiro não havia aprendido se envergonhar” (FREYRE, 1922, p. 598). Ressaltando sua noção de civilização europeia como marco civilizatório e, também uma ideia etapista de desenvolvimento histórico, o sociólogo chega a dizer que a maior parte dos brasileiros dos anos 1850 viveriam na Idade Média.

## X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

Deste modo, ao tratar a história de formação do Brasil como algo desconexo do contexto apresentado, Freyre torna possível ressignificar os elementos que constituíram as relações socioculturais no país. O ponto de partida é, sem dúvida, na sua aproximação ao conceito de *cultura*. A primazia aos aspectos culturais ao interpretar fenômenos sociais – portanto, reflexos da construção dialética da dominação ideológica e transformação da base material da sociedade – subverte a lógica de dominação explícita da colonização, o que permite colocar em igualdade os perpetradores de violência aos violentados. O meio e a cultura tomam lugar de força motriz da formação de um país que tem suas bases concretas nos ideais de civilização ocidental e, portanto, na emergência da norma burguesa, europeia e patriarcal. Assim, se desloca a centralidade que residem nas relações de raça residuais da violência colonizadora, para o ambiente e características que são exatamente resultados dessas relações de dominação. É, também, somente a partir dessa construção que Freyre pôde considerar o colonizador português como elemento *sine qua non* para viabilizar civilizações modernas nos trópicos. Por isso sua obra é permeada de inferiorização às raças não brancas e, como incorrência imediata, desenvolveu a tropicologia e o lusotropicalismo.

Freyre (2003) vê o português como dotado de um espírito que permitiu um tratamento menos cruel aos escravizados, caracterizando-o como o colonizador que mais confraternizou com estes, em contraste com o anglo-saxão. Também, concebe um povo brasileiro que de índio e negro, todos têm um pouco. Essa afirmação só se torna possível em um contexto em que não se leva em conta o fato de não haver gradação possível de crueldade a uma população que teve sua humanidade expropriada formalmente pelas relações de produção. Nem mesmo percebe que suas observações constroem um traço característico que o negro empresta ao brasileiro, limitando-o a servidão, abuso e segregação. Escapam ao autor o genocídio dos povos originários, seja por violência ou por enfermidades europeias, e o etnocídio com representação máxima nas missões jesuíticas.

Freyre (2003) afirma que o ambiente era de reciprocidade cultural quase completa, resultando em um aproveitamento de valores máximo “dos povos atrasados pelo adiantado” (Freyre, 2003, p.160). Assim, formou-se uma “sociedade cristã na *superestrutura*” (FREYRE, 2003, p.160, grifo nosso), com a mulher indígena como esposa, na qual a economia e vida doméstica estariam repletas de tradições, experiências e utensílios dos povos originários. Pois, para o sociólogo o contato colonizador aparece como uma simples conjugação de valores. Também, recorre ao conceito de superestrutura

## **X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica**

para expor a projeção cultural da vida material da sociedade, que reproduzia a civilização portuguesa – na expressão do exclusivismo religioso e sua profilaxia – apresentando sua solução provisória quanto a convivência e utilização da população indígena. Ao localizar o cristianismo como elemento superestrutural da sociedade, escapa a Freyre o processo de acomodação desses elementos na sociedade. O que ocorre é uma construção multideterminada, tutelada no campo das ideias pela hegemonia do colonizador e refletida nas relações de trabalho forçado e, mesmo, de sequestro e estupro das mulheres nativas que reproduziria a sociedade cristã portuguesa com novos elementos.

Césaire (1978) diz, em tom de denúncia, que a colonização não é a evangelização, nem a iluminação intelectual, o avanço da medicina, o recuo da tirania, nem a propagação de deus, nem a extensão do Direito. Mas antes, é o apetite e a força de uma forma de civilização que se viu obrigada em aumentar sua concorrência em escala global. A noção que hierarquizou diferentes civilizações, com base em um cristianismo pedante, para Césaire, equalizou a cristandade à civilização e o paganismo à selvageria. O contato entre civilizações não é passível de condenação para o autor, chegando a ressaltar o fato da Europa ter sido beneficiada por ser uma encruzilhada de civilizações pela história da humanidade. A pergunta que deve ser trazida para a presente discussão é, portanto: “a colonização pôs verdadeiramente em contacto? Ou, se se prefere, era ela a melhor das maneiras para se estabelecer o contacto?” (Césaire, 1978, p. 15). A resposta – adiantada pelo autor – é, para além do não, que a distância entre civilização e colonização é infinita e que todas as experiências coloniais não foram capazes de criar um valor humano sequer.

Deve-se notar que, para o objeto de Freyre as noções de superestrutura, base e forças produtivas, totalidade e hegemonia, culturas residuais e culturas emergentes têm duas significações. Uma corresponde ao período que o sociólogo analisa em sua obra, outra ao momento histórico no qual ele se insere enquanto intérprete do Brasil. Sem a intenção de tratar o curso da história numa concepção hermética e faseológica, aqui, como recurso retórico, separar-se-á os dois períodos para evidenciar o que se quer demonstrar quanto as interpretações de Freyre ao período pré-capitalista.

Como Freyre pôde perceber, o cristianismo se localizou na superestrutura do período colonial e imperial. A adição que deve ser feita está na noção de multideterminação pelas relações produção que se estabeleceram no período, entremeando a base material e as forças produtivas. Portanto, a superestrutura correspondia à expansão do cristianismo como religião central do Brasil Colônia e imperial, entretanto, as instituições políticas, as manifestações culturais estavam

## **X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica**

permeadas pelos sentidos expressos nas relações *sociais* de produção e, assim, caracterizados pelo escravismo e a relação direta com a acumulação de capital para o desenvolvimento do capitalismo industrial na Europa. Isso denota a organização e estrutura específicas relacionadas com a dominação do colonizador e do senhor de engenho, implicando na noção de totalidade. Ora, a intenção social que acompanha essa dominação não pode ser outra senão a expropriação de recursos das américas e África, acompanhadas pela subordinação étnica e civilizatória. A hegemonia se apresenta justamente como reflexo de tais características ao saturar o modo de vida imediato das pessoas, a sociedade e o senso comum, ao naturalizar o escravismo, a violência colonizadora e a hierarquização de raças. O sistema central, dominante e efetivo se expressa não só pelo modelo colonial de produção agrária extensiva, mas por suas relações de trabalho e de conexão com o *centro do mundo*, fazendo emergir um novo modo de organização social e produtiva. O resíduo cultural, portanto, não poderia se localizar em outro aspecto que não o marco civilizatório branco-europeu. A extensa incursão de Freyre nesse sentido peca ao não distinguir o processo de seleção que acontece no plano cultural a depender do sentido de totalidade. O que aparece como contato e amálgama de culturas é, na verdade, um processo de aculturação e etnocídio que tem por crivo a violenta ação colonizadora, uma inclusão que tem por mote acomodar o dominado e suas prática de modo a manter a ordem social, sem prejuízos a dominação.

### **Conclusão**

*Casa-grande & senzala* alcançou uma projeção dificilmente igualada no campo das Ciências Sociais. Essa repercussão difundiu uma imagem do Brasil para o exterior, mas, também consolidou uma leitura singular da formação nacional junto a Sociologia e sociedade brasileiras. Aqui, foi apresentado como suas ideias refletiram no senso comum, como popularizou-se a noção de cultura a partir de Freyre e, também, o modo pelo qual sua interpretação moldou o *establishment* das relações raciais no Brasil. Resta que, a superação da leitura freyreana de Brasil é necessária ao desenvolvimento da História Econômica brasileira. A discussão de suas contribuições não faz sentido se não como crítica dos fundamentos de um mito que se gestou no Brasil sobre uma suposta harmonia racial. Portanto, antes de colocar a contribuição de Freyre num pedestal, discutir sua interpretação de maneira crítica é um exercício de maiores frutos. Como apontamentos de investigações que se sucedem estão o desenvolvimento da *democracia racial* e o

## **X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica**

debate instaurado a partir de então, além de *Sobrados e Mucambos* como expressão da urbanização e ocupação territorial na desarticulação do escravismo colonial.

A crítica trazida no presente trabalho dá conta de recolocar as questões trazidas por Freyre com uma significação distinta da proposta pelo autor. A relevância dessa atividade está em desmistificar e desvelar a concretude das relações sociais dispostas no Brasil colônia e o impacto decorrente de tal interpretação no Brasil contemporâneo. Freyre, ao se voltar à vida no Brasil escravocrata, recorre as avaliações pessoais e familiares, retorna ao seio de sua família detentora de escravos e, sentado nos telhados da casa-grande descreve a vida na colônia que só essa perspectiva poderia trazer.

Sua noção de que a História deveria ser a vida íntima de uma época não se verifica na realidade e, se fosse o caso, Freyre teria falhado por não perceber que a vida íntima do seu objeto é construída a partir de violência e dominação. História é também uma ferramenta de reprodução ideológica, Freyre bem o sabia, tanto que acusa os pares de que discorda por manterem suposta parcialidade, o que subentende qualquer intenção velada por parte destes. No entanto, a história que ele constrói guarda a perspectiva em primeira pessoa do branco colonizador frente ao outro: o indígena e o negro. Então, se escapa a sua própria parcialidade e intenção de ter o colonizador personificado em si como autor da civilização no Brasil. É a perspectiva da casa-grande para achar um sentido eurocêntrico – portanto, branco –, masculino e classista na formação do país.

Freyre incorre nessas falhas por lhe faltar a aplicação de um método que possibilitasse perceber que sua visão estava tutelada por um corpo de ideias que apagou a conotação de conflito do processo colonizador. Em outras palavras, não é a ausência de método que desqualifica sua obra, mas é essa falta que o faz reproduzir as mesmas preocupações que tinha com outros autores da época. Por não discutir adequadamente as influências ideológicas na ciência que produz, a sua obra se tornou um panfleto ideológico de dominação racial. Ao invés de perguntar somente quem é o autor da civilização nos trópicos, pode-se questionar a quem se deve responsabilizar pelas pilhas de corpos deixadas pela colonização, escravidão e tráfico negro e qual é o reflexo desse processo na contemporaneidade.

### **Referencial bibliográfico**

ABREU, Alzira A. de et al (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br>>. Acesso em: 23/05/2018

**X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência  
Internacional de História Econômica**

ARAÚJO, Ricardo B. de. *Guerra e paz: casa-grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2005.

ARRUDA, Maria A. do N. *A sociologia de Florestan Fernandes*. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 22, n. 1, p. 9-27, jun. 2010.

BASTOS, Élide R. *Gilberto Freyre: a cidade como personagem*. Sociol. Antropol., Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 135-159, jun. 2012

BASTOS, Élide R. *A construção do debate Sociológico no Brasil*. Ideias, [S.l.], v. 4, p. 287-300, abr. 2014.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2000.

CASTELO, Cláudia. *Uma incursão no lusotropicalismo de Gilberto Freyre*. Blogue de História Lusófona, Ano VI, Instituto de Investigação Científica Tropical, p. 261-280, set, 2011.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

DÁVILA, Jerry. *Entre dois mundos: Gilberto Freyre, a ONU e o apartheid sul-africano*. História Social, 19, p. 135-148, 2010.

FARIAS, Marcio. *Clóvis Moura e o Brasil: um ensaio crítico*. São Paulo: Editora Dandara, 2019.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala*. 48ª ed. São Paulo: Global, 2003.

FREYRE, Gilberto. *Social life in Brazil in the Middle of the Nineteenth Century*. The Hispanic American Historical Review, Vol. 5, No. 4. pp. 597-630. Duke University Press, 1922.

GUIMARÃES, Antonio S. A. *Raça e os estudos de relações raciais no Brasil*. Novos Estudos. n. 54. São Paulo, 1999

LIMA, Mário H. G. de. *Gilberto Freyre (Coleção Educadores)*. Editora Massangana, Recife, 2010.

MAIO, Marcos C. *Tempo controverso – Gilberto Freyre e o Projeto UNESCO*. Tempo Social; Rev. Sociol. USP. n.11(1):111-136. São Paulo, 1999.

MOTTA, Roberto. *Gilberto Freyre, René Ribeiro e o projeto Unesco*. Colóquio internacional: O projeto Unesco no Brasil, uma volta crítica 50 anos depois. CEAO/UFBA, 2000

SANTOS, Nathan B. dos. *Gilberto Freyre, Florestan Fernandes e a construção das relações de raça no Brasil*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Economia. Porto Alegre, 2019.

**X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência  
Internacional de História Econômica**

SIMÕES, João F. de O. *Fernando Ortiz e Gilberto Freyre: aproximações a partir de seus projetos intelectuais*. 41º Encontro Anual da Anpocs. GT23 - Pensamento Social. Caxambu, 2017.

VELHO, Gilberto. *Gilberto Freyre: Trajetória e singularidade*. Sociologia, Problemas e Práticas, Oeiras, n. 58, p. 11-21, set. 2008.

WILLIAMS, Eric. *Capitalismo e escravidão*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Cia. das Letras, 2012